MEDIDAS DE SEGURANÇA SANITÁRIAS

Caros espectadores, devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do Festival far-se-á mediante o cumprimento das seguintes regras, para cujo cumprimento apelamos.

1. Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Deverão pois esperar no exterior a abertura de portas.
2. Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no *foyer*, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
3. Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas, ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
4. Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
5. Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
6. O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
7. A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA

38.º FESTIVAL de almada

Organização
Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

02–25 de Julho de 2021

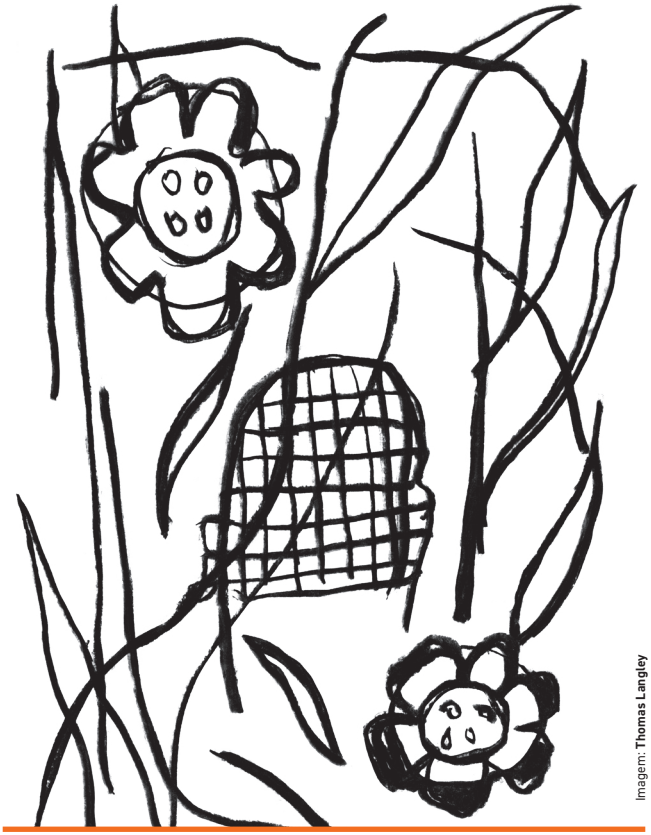

Imagem: **Thomas Langley**

Festival d'Avignon
(França)

Amitié

Amizade

De **Eduardo De Filippo** e **Pier Paolo Pasolini**
Encenação de **Irène Bonnaud**

Incrível Almadense (Almada)
Salão de Festas

Sex. **2**, Sáb. **3**, Ter. **6** e Qua. **7** de Julho às **20h30**
Dom. **4** às **15h** e **20h30**

Duração: 90 min. • Classificação etária: M/12
Língua: Francês legendado em português

FICHA ARTÍSTICA

Tradução
Davide Luglio
Hervé Joubert-Laurencin
(Pier Paolo Pasolini)
Emanuela Pace
(Eduardo De Filippo)

Figurinos
Nathalie Prats

Desenho de luz e operação régie
Daniel Lévy

Interpretação
François Chattot
Jacques Mazeran
Martine Schambacher

Assistência de encenação
Katell Borvon

Co-produção
Châteauvallon Scène nationale
Centre dramatique national Besançon Franche-Comté
Centre dramatique national de Tours Théâtre Olympia
EPIC Hérault Culture – Théâtre sortieOuest
CCAS les Activités sociales de l'énergie
Espace des arts Scène nationale Chalon-sur-Saône
Résidence Lilas en Scène

Agradecimentos
Arnaud Churin, Gian Luca Farinelli, Alain Gravier

Um teatro de actores, sem cerimónias nem nevoeiros artificiais

A sinopse de Pasolini, redigida sob a forma de uma narrativa oral, ao modo dos contos ou das parábolas do *Novo Testamento*, era destinada a um *road movie* cinematográfico. É pois debaixo de uma Estrela de Belém, ao jeito de um letreiro luminoso de um motel abandonado, que contamos esta história de Pasolini e representamos as cenas escritas por Eduardo De Filippo, com um mínimo de acessórios e mudanças de figurinos muito rudimentares e quase imperceptíveis.

Tal como diz Pasolini, trata-se de um estábulo, «onde não há nada, nem Jesus, nem Maria, nem José, nem o burro, nem a vaca – apenas a luz inútil da estrela.» Para ele, a humildade era a maior virtude da arte, por contraste com a estética do «grande espectáculo porno-teológico», fórmula que era suposto vir a dar título ao seu filme, e que visava chamar a atenção para as manobras circenses da época contemporânea, que Pasolini reconhecia nos écrãs de televisão e na publicidade, ou nas reconstituições históricas e nas super-produções hollywoodescas que eram frequentemente rodadas em Itália. Essa arte pobre, «de roupagens remendadas mas limpas» é a do teatro que queremos fazer.

Em várias peças suas, também Eduardo De Filippo encena a vida das trupes ambulantes que percorriam Itália de lés a lés para se apresentarem em salões de festas, em lugares de acolhimento oferecidos por patronos ou como ante-programas à exibição de filmes em cinemas de bairro. É essa a atmosfera natural dos seus textos, e pensei imediatamente que o nosso espectáculo deveria também ele ir para a estrada, retomar o caminho de um teatro de actores, sem cerimónias nem nevoeiros artificiais, religando-se à arte bruta, imediata e vital da comédia à italiana.

A ideia é simplesmente o encontro com o público, calorosamente, pois a itinerância não é apenas levar um espectáculo a um sítio e tocar um público que, muitas vezes, não poderia deslocar-se para o ver noutro lugar. Trata-se também de receber, de nos nutrirmos dos encontros que acontecem no curso das representações: falar uns com os outros, sonhar e fazer teatro juntos, no contexto de uma oficina de formação, ou naquele de uma conversa acesa, ou de uma leitura encenada, ou então durante uma refeição que se partilha, ou à volta de um copo, e então transmitimos histórias uns aos outros, e algumas queremos ficar com elas, num processo de trocas que lança pontes e travessias doravante desejadas.

François Chattot, Martine Schambacher, Jacques Mazeran, entre os grandes comediantes do teatro de língua francesa, são aqueles que demonstraram já plenamente a sua imutável afeição à ideia de uma descentralização teatral. Sei que já estão a pensar, com água na boca, em todos aqueles com quem vão poder cruzar-se durante esta jornada. | **Irène Bonnaud**